

APRESENTAÇÃO

ESTE TERCEIRO número de *Línguas e Instrumentos Lingüísticos* traz na sua primeira parte: um texto de B. Bosredon sobre a questão da designação dos nomes de rua na França, contribuindo para a importante questão dos nomes próprios e a relação da linguagem com o mundo, problema central da semântica; um segundo texto, de Cármen Agustini, sobre um processo enunciativo próprio da negociação da representação de unidade do sujeito, através do que ela caracterizou como *dobras interdiscursivas*, colocando em outros termos o que se tem tratado, em muitos casos, como a parentetização; um terceiro de L. A. Marcuschi, que traz para a reflexão, a partir de uma posição cognitivista, um novo tipo de instrumentação da linguagem, com que todos lidamos, próprio de nossa época informatizada: o hipertexto.

Na seção *Crônicas e Controvérsias*, publica-se um texto extremamente significativo de Humboldt: “Sobre a origem das formas gramaticais e sobre sua influência no desenvolvimento das idéias”, traduzido por Claudia C. Pfeiffer.

Esse ensaio de Humboldt traz à cena um momento produtivo e polêmico na história das idéias lingüísticas em que o idealismo filosófico alemão toma um espaço de produção de conhecimento muito importante.

Wilhelm von Humboldt (1767-1835), filósofo, nascido na Alemanha, viveu a virada do século XVIII fortemente marcado pelo idealismo filosófico alemão. Analista de extrema perspicácia e sutileza, contribuiu não somente com ensaios no campo da filosofia da linguagem, mas também no campo da política e da educação, sendo um dos fundadores e reitor da Universidade de Berlim, instituição modelo no século XIX.

Como um homem de seu tempo, suas obras lingüísticas buscaram desde cedo demonstrar a relação existente entre a estrutura de uma língua e a estrutura mental dos usuários desta língua, tematizando como cultura e língua se refletem um no outro. Seus escritos fundamentaram uma base forte para trabalhos como os de Sapir-Worf se filiarem e se desenvolverem, mas neles podemos observar ainda sentidos que não se fazem presentes nas formulações dos que têm sido considerados seus sucessores.

Nessa linha argumentativa, esse ensaio de Humboldt (escrito entre 1822 e 1823) defende que as “relações gramaticais” não dependem das palavras em si mesmas, mas da intenção que se deposita nelas; as relações são introduzidas pelo pensamento daquele que escreve e daquele que fala. Desse modo, questão central para o autor, o valor da língua não consiste em sua

capacidade expressiva (comunicativa), mas em sua capacidade operativa: suas possibilidades de despertar idéias na nação à qual pertence. Isto desloca a concepção língua-mundo. Sua capacidade analítica volta-se, ainda, para o “mal-entendido” que se estabelece ao se estudar uma língua desconhecida a partir de outra língua conhecida (seja o latim, seja a língua materna). Mesmo que esse mal-entendido seja visto de lugares epistemológicos diferentes, não há como negarmos sua importância ontológica.

Resenhas, seção final da revista, publica a análise de J. L. Fiorin sobre o número 130 de *Langages*, de junho de 1998, dedicada ao estudo da história da produção de conhecimento sobre o Português no Brasil, com textos de autores brasileiros que vêm trabalhando sobre a História das Idéias Lingüísticas no Brasil.

Ao chegar ao seu terceiro número, *Línguas e Instrumentos Lingüísticos* espera estar cumprindo seu projeto de abrigar a publicação de trabalhos de história do conhecimento sobre a linguagem e de suas instrumentações, bem como de reflexão teórica e de análise lingüística que representem expressivamente a produção da área dos estudos sobre a linguagem.

Os Editores